



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AMANDA DO CARMO DA SILVA

**MARIA ALVES DE OLIVEIRA ARNOR: A TRAJETÓRIA DE UMA GESTORA
EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO DE JACARAÚ-PB (1995-2016)**

MAMANGUAPE- PB
2024

AMANDA DO CARMO DA SILVA

**MARIA ALVES DE OLIVEIRA ARNOR: A TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA DO
MUNICÍPIO DE JACARAÚ-PB (1995-2016)**

Trabalho de conclusão de curso (TCC),
apresentado ao Curso de Pedagogia, da
Universidade Federal da Paraíba, como pré-
requisito para obtenção do grau de Licenciatura
em Pedagogia.

Orientadora Prof.^a Francymara Antonino N. de
Assis.

MAMANGUAPE- PB
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586m Silva, Amanda do Carmo da.

Maria Alves de Oliveira Arnor : a trajetória de uma gestora educacional do município de Jacaraú-PB (1995-2016) / Amanda do Carmo da Silva. - Mamaguape, 2024.

45 f. : il.

Orientação: Francymara Antonino Nunes de Assis.
TCC (Graduação) - UFPB/CCAE.

1. Trajetória docente. 2. História de vida. 3. Vida de professores. I. Assis, Francymara Antonino Nunes de. II. Título.

UFPB/CCAE

CDU 928(091)

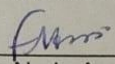
A
O

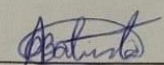
AMANDA DO CARMO DA SILVA

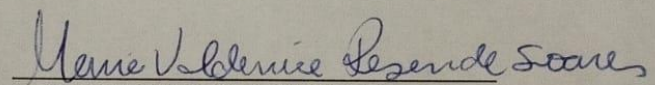
MARIA ALVES DE OLIVEIRA ARNOR: A TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA DO
MUNICÍPIO DE JACARAÚ-PB (1995-2016)

Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Francymara Antonino N. de Assis (Orientadora) DED/CCAUE/UEPB


(Prof.^a Dr.^a Aline Cleide Batista
(Examinador 1) DED/CCAUE/UEPB


(Prof.^a Dr.^a Maria Valdenice Resende
(Examinador 2) DED/CCAUE/UEPB

Mamanguape, 08 de maio de 2024.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus, meu porto seguro, por ter me dado sabedoria para chegar até onde cheguei, pois era algo que eu almejava, porém duvidava que um dia iria conseguir me formar em uma universidade pública, uma vez que, para quem vem de baixo, não é fácil.

Gratidão aos meus pais, Cristina e José Everaldo, que me deram a melhor educação respeitosa possível para me tornar a grande mulher e mãe que hoje sou. Obrigado por me apoiarem em todas as fases da minha vida.

Gratidão ao meu esposo Fábio, por estar sempre ao meu lado e que cuida tão bem do nosso pequeno Breno, que, por várias noites, ficou com ele para que eu pudesse ir estudar.

Agradeço a todo corpo docente da Universidade Federal Paraíba do campus IV, que passou pelo meu curso, no qual deixará ensinamentos significativos para minha carreira como profissional e como pessoa; aprendi muitas coisas que antes nem imaginava, entrei com o pensamento imaturo e saio hoje no ano de 2024, cheia de aprendizado que quero passar adiante.

SUMÁRIO

Sumário.....	6
1 INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – O Percurso teórico-metodológico	12
CAPÍTULO 2 – A trajetória profissional de Maria Alves de Oliveira Arnor: vestígios de uma vida dedicada a educação.....	20
2.1 Quem foi Maria Alves de Oliveira Arnor?	20
Capítulo 3 - A TRAJETÓRIA DE MARIA ALVES NAS VOZES DE FAMILIARES, EX-ALUNOS E COLEGAS DE TRABALHO.....	31
3.2 Entrevista com Rosângela, irmã de Maria Alves.	32
3.3 Entrevista com ex-colegas de trabalho: Claudinete e Josirete	35
3.4 Entrevista com Asneth, filha de Maria Alves.	37
3.5 Entrevista com Anne Shirley , filha de Maria Alves	40
3.6 Entrevista com ex-colega de trabalho Leila Pontes	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
APÊNDICE.....	44

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo rememorar a trajetória profissional da educadora Maria Alves de Oliveira Arnor, a partir de fontes documentais e depoimentos orais, no período de 1995 a 2016. O recorte histórico foi escolhido porque abrange o início do trabalho de Maria Alves como professora, até o ano em que ela faleceu, quando ainda trabalhava no município. Como objetivos específicos elencamos apresentar a trajetória profissional da educadora em tela e apontar as contribuições de seu trabalho para as escolas do município de Jacaraú. Para a realização do trabalho, fizemos uso da metodologia da história oral temática, por meio de depoimentos orais, colhidos a partir de entrevistas sobre história de vida e de questionários. A construção do referencial teórico se deu a partir de autores se debruçam sobre a história de vida de professores, com ênfase nas obras de Moraes (2004), Nóvoa (1995), Bosi (2003) e Delory (2016), Almeida (1998), Pinheiro (1998), que nortearam as análises das narrativas dos entrevistados. Pudemos perceber várias marcas significativas na trajetória de vida e de trabalho narradas por ex-colegas, ex-alunos e filhos de dona Maria Alves como: o prazer de estudar, a mudança na educação da região a partir de sua atuação, a satisfação de ensinar, o zelo e dedicação pelo trabalho, características de uma profissional que se tornou reconhecida e respeitada no município.

Palavras-chave: Trajetória docente, História de vida, Vida de professores.

ABSTRACT

This study aims to remember the professional career of educator Maria Alves de Oliveira Arnor, based on documental sources and oral evidence from 1995 to 2016. The historical section was chosen because it covers the beginning of Maria Alves' work as a teacher, up until the year she died. The specific objectives are to present the professional career of the educator in question and to point out the contributions of her work to the schools in Jacarau city. For developing this work, we used the thematic oral history methodology, through oral statements, collected from interviews about life history and questionnaires. The theoretical reference development was based on authors who focusing on teachers' life stories, emphasizing the works of Moraes (2004), Nóvoa (1995), Bosi (2003) and Delory (2016), Almeida (1998), Pinheiro (1998), which guided the analysis of the interviewed narratives. We were able to understand several significant marks in the life and work career narrated by former colleagues, former students and Mrs. Maria Alves' children, such as: the pleasure of studying, the change in education of the region as a result of her work, the teaching satisfaction, the caring and dedication for her work, characteristics of a professional who has become recognized and respected in the city.

Keywords: Teaching career; Life story; Teachers' lives.

1 INTRODUÇÃO

Durante o processo de escolha do tema para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), de início, pensei em trabalhar com a Educação Especial, pois desejava compreender mais sobre o assunto. Na ocasião, trabalhava como cuidadora de uma criança com deficiência, e este tema iria me ajudar a entender como se dava a educação dessas crianças, porém, em seguida, não dei seguimento a esse projeto. Depois, pensei em fazer uma pesquisa sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), haja vista que foi nessa modalidade de ensino que realizei o último estágio e achei bem interessante o processo de ensino-aprendizagem: a relação de professor-aluno, e principalmente, a história das pessoas que faziam parte da EJA. Todavia, ainda não era o que eu seguramente desejava e, é muito importante trabalhar com um tema que nos interessa, que possa contribuir para a nossa formação.

Na disciplina História da Educação, fizemos um trabalho sobre memórias escolares, no qual deveríamos entrevistar uma pessoa para resgatar suas memórias da escola, que foi bem satisfatório para mim, pois percebo que, através dessas histórias, me ressignifico como pessoa, através das histórias de vida podemos nos inspirar para sermos pessoas melhores na sociedade. Aliás, sempre gostei de escutar histórias, especialmente as da minha bisavó, minha avó e minha mãe. Lembro-me que sentava junto delas e pedia para contarem como era a escola na época em que elas estudavam, como era o lugar, as brincadeiras, e elas relatavam as dificuldades que tinham para ter acesso à escola naquela época. Isso me inspirava a nunca desistir de aprender mais por meio da educação, e fazia com que eu percebesse o quanto seria importante ter uma formação. Nos dias atuais, percebo que temos mais facilidades de ter acesso à educação, e se pudesse, ficava horas e horas ouvindo como era naquela época, um tempo de muita dificuldade, mas também de muita felicidade.

Então, eu pensei por que não fazer minha pesquisa sobre um professor? Será muito interessante ouvir a história de vida dessa pessoa, saber seus conhecimentos e

contribuições no município de Jacaraú. Fiquei me perguntando, quem seria esse professor? A partir daí, comecei a rememorar alguns momentos da minha trajetória nos primeiros anos da escola.

Durante toda minha infância, morei junto com meus pais e meus dois irmãos no sítio Salvador Gomes de Cima, situado no município de Jacaraú-PB, um povoado de pouco mais de 150 pessoas. Quando tinha por volta de 4 a 5 anos de idade, minha mãe conta, eu não me recordo, que eu via as crianças do povoado indo para escola que ficava a poucos metros da nossa casa, e eu queria ir também, porém, ainda não tinha a idade suficiente para iniciar os estudos, tendo em vista que, na época, a idade mínima era de 6 anos. Minha mãe, vendo meu interesse em estudar, conversou com o professor, que logo permitiu que frequentasse a escola, mesmo sem idade adequada, e daí começou minha trajetória educacional. Lembro-me que a escola se chamava E.M.E.I Jorge Paulo de Carvalho, era pequena, apenas com uma sala, a turma era multisseriada, do Pré-escolar ao 4º ano, tinha dois banheiros e uma cantina. Nas atividades, o professor dividia o quadro e passava a atividade de acordo com cada série. Tínhamos muitas aulas embaixo de um pé de cajueiro; o professor sempre relacionava suas aulas com o que estava ao nosso redor, e isso era fantástico. Sempre fui interessada, respondia questões que ele perguntava; era uma das melhores da sala. Quando acabava a aula, íamos a pé para casa e era muito legal; momentos únicos, não se falava em violência na época, e eu chegava em casa e não via a hora de voltar à escola novamente. Estudei nessa escola até a 2ª série, fiquei muito triste quando soube que ia ter que sair e ir para outra escola, pois ela teve que fechar por falta de alunos. No ano de 2006, passei a estudar na E.M.E.I.F Luiz Fernandes Pessoa, na qual Maria Alves de Oliveira Arnor (Maria Alves, a seguir) era Diretora. A Escola fica localizada no Distrito Timbó, Rodovia PB 073, km 22, no Município de Jacaraú- PB. O Prédio da Escola foi construído, especificamente, para ser escola, tendo uma estrutura recentemente reformada, que está em excelente condição, com adaptações para alunos com necessidades especiais. A escola oferta o ensino fundamental do 1º ao 9º ano, e Educação de Jovens e Adultos do primeiro e segundo segmento.

No período em que estudei na escola, em que dona Maria Alves era diretora, lembro-me que existiam vários projetos que faziam com que o aluno ficasse na escola e

quisesse estudar e participar das atividades. Todas essas lembranças da minha infância despertaram em mim o interesse em pesquisar um pouco mais sobre a história de vida de Dona Maria.

Em meu percurso escolar, pude presenciar as atividades que ela desenvolvia no município e ajudá-la em trabalhos escolares conduzidos por ela, como exemplo, o Arra pé quente do Distrito do Timbó, no qual todas as escolas do município reuniam-se para a apresentação de danças e enaltecia a cultura da nossa região. Em época de festa, ela fazia um mutirão para que os pais e os alunos, que pudessem, fossem ajudar na ornamentação do local no qual seria realizado o arraial. Participar desses momentos fazia com que as famílias se sentissem parte importante da escola. Maria Alves também desenvolveu outros projetos, como: a semana cultural, na qual havia a semana de jogos na escola, a semana da pátria, que acontecia o desfile cívico, com a participação do exército, da Marinha e das bandas marciais. Esses eventos históricos eram muito importantes para a cidade.

Percebi como Dona Maria Alves foi uma professora importante e acreditava que teria muitas informações para a minha pesquisa. Então, em uma conversa com seus familiares, confirmei meu interesse e decidi aprofundar-me na história de vida dessa professora, visto que ela teve uma carreira importante na educação do município de Jacaraú.

A partir da escolha do tema, percebi o quanto é importante estudar a História da Educação nos cursos de graduação, pois ela tem um campo de estudo amplo, que nos possibilita conhecer a realidade social, compreender e aprimorar as ações do presente, bem como os avanços e retrocessos no campo da educação. Com isso, mediante a história de vida da professora, podemos desvelar, em certa medida, como foi o trabalho educacional desenvolvido no município.

As abordagens sobre história de vida dos professores nos trazem um conhecimento mais próximo das realidades educativas, e podem dar a conhecer suas práticas, trajetórias de vida, dificuldades e desafios encontrados durante a carreira profissional. De acordo com Nóvoa (1995, P. 67):

A investigação educacional deve assegurar que a voz do professor seja ouvida, ouvida em voz alta e ouvida articuladamente. A este respeito, a maneira mais plausível de avançar, penso eu seria começar por edificar as noções de “professor auto-regulador”, de professor como investigador e de professor como um profissional de competências alargadas. (Nóvoa 1995, P.67).

Ouvir o professor configura-se como ação necessária para construir as noções de um professor pesquisador, que reflete sobre suas práticas e sobre o campo da educação no contexto mais amplo. Além disso, conhecer mais a vida de um professor nos permite compreender como ele atuava e refletir sobre as mudanças necessárias na prática educativa de futuros docentes. De acordo com Belmira (2002, Pág.20):

Além do mais, sua narrativa não é um relatório de acontecimentos, mas a totalidade de uma experiência de vida que ali se comunica. Disto se evidencia o caráter de intencionalidade comunicativa da narrativa autobiográfica e, por isso, por mais que se pretenda escamotear, “toda entrevista é uma interação social completa, um sistema de papéis, expectativas, de injunções, de normas e valores implícitos, e por vezes até de sanções. (Belmira, 2002, p.20, apud Ferrarotti, 1988, p. 27).

Embora seja um percurso cheio de incertezas, estudar a história de vida de professores é gratificante e desafiador, pois, por meio dessas histórias, é possível refazer caminhos percorridos, desvelando novos modos de ser no mundo, incorporando o passado no presente.

Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo geral rememorar a trajetória profissional da educadora Maria Alves de Oliveira Arnor (Maria Alves, a seguir), a partir de fontes documentais e depoimentos orais. Como objetivos específicos elencamos apresentar a trajetória profissional da educadora em tela e apontar as contribuições de seu trabalho para as escolas do município de Jacaraú.

Realizamos um estudo qualitativo, com fundamentação teórica nos estudos sobre história de vida de professores com ênfase nas obras de Moraes (2004), Nóvoa (1995), Bosi (2003) e Delory (2016), Almeida (1998) e Pinheiro (1998). Fizemos uso da metodologia da história oral temática, por meio de depoimentos orais colhidos a partir de entrevistas gravadas e de questionários, com ex-alunos, ex-colegas e familiares da

educadora que colaboraram com informações pertinentes para a pesquisa. Também fizemos uso de documentos sobre a trajetória profissional da professora.

Esse trabalho está dividido em: introdução, Percurso teórico metodológico, A trajetória profissional de Maria Alves de Oliveira Arnor, A trajetoria de Maria Alves nas vozes de familiares, ex-aluno, e colegas de trabalho e conclusões.

CAPÍTULO 1 – O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Um estudo como este, sobre a trajetória de uma educadora, é tão importante quanto qualquer outro objeto histórico para conhecermos a história da educação da Paraíba. Nesse tipo de pesquisa, que amplia os objetos da investigação histórica, cresce o interesse pela vida e pelos fatos cotidianos, o que leva também a se buscar novas fontes que retratem o dia a dia de um período que se deseja conhecer, e que, normalmente, não é descrito em documentos oficiais. De acordo com Galvão (1996, p.202),

As fontes não mais se restringem aos documentos oficiais escritos, ganhando tanta importância quanto esses a fotografia, a pintura, a literatura, a correspondência, os móveis e objetos utilizados, os depoimentos orais, etc. Qualquer indício de uma época pode ser utilizado como fonte pelo historiador. (Galvão 1996, p. 202).

Nessa perspectiva, na contemporaneidade, são analisadas como objetos de estudo os sujeitos que, no decorrer de vários anos, foram excluídos da historiografia tradicional. Assim, abre-se a possibilidade de um estudo, como o que propomos: conhecer a história da educação da Paraíba e os atores que contribuíram para sua implementação através da trajetória profissional da professora Maria Alves de Oliveira Arnor. A investigação amplia-se para desvelar o contexto social que perpassa sua trajetória: colegas, familiares, ex-alunos, ou seja, pretendemos vincular a professora à estrutura das relações que permearam o seu contexto social.

De acordo com Pinheiro (1997, p.285), “investigar o que ocorre no dia-a-dia e nos lugares onde se dá a prática educativa escolar é de fundamental importância

para se entender questões maiores da educação.” Mas, como proceder a busca pelas informações? Esse questionamento marcou o início e o transcorrer da pesquisa para possibilitar os caminhos metodológicos da investigação.

No campo da pesquisa científica, com base nos estudos de Minayo (2002), é importante seguir uma metodologia que contém um conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade, devendo ser um instrumento claro, coerente e bem elaborado. A pesquisa é entendida como uma indagação e construção da realidade, pois, diante dela, podemos responder indagações e dúvidas que surgem ao iniciar uma investigação sobre algum tema que seja do interesse do indivíduo. Essa investigação configura-se como qualitativa, que, segundo Minayo (2002), é uma pesquisa que coloca como tarefa central das ciências sociais a compreensão da realidade humana vivida socialmente.

Ela foi construída a partir de fontes orais e documentais, e nesse sentido, foi necessário estabelecer o eixo norteador para prosseguir nesse caminho, pois:

Para o pesquisador que se utiliza das fontes orais, o importante é ouvir o bom senso e fazer prevalecer o respeito e a atenção, assumindo deliberadamente uma postura metodológica que não pressupõe a tão propalada neutralidade acadêmica e científica por ser impossível não envolver-se naquilo que escuta e com aquele que conta. (ALMEIDA, 1998, p.55)

Foi um desafio não nos envolvermos durante os depoimentos, mas ouvir se mostrou o melhor caminho, pois todos os esclarecimentos são de suma validade para que, junto com os documentos escritos pesquisados, sejam feitos o cruzamento das informações. Conforme Almeida (1998, p.106):

As fontes escritas, apesar do universo que abrem para o pesquisador de história, possuem também suas limitações, principalmente aquelas derivadas do fato de que a leitura e a escrita, durante todas as épocas, sempre pertenceram a uma minoria privilegiada.

Deste modo, observando todas as fontes, pudemos estabelecer a relação entre estas e o contexto social em que viveu Maria Alves, entendendo-a como um sujeito histórico, que ocupou um espaço público num determinado lugar e período, relacionando-a às suas atuações pela busca de um ideal almejado, e não apenas de forma isolada.

Percebemos que, falar de um indivíduo, mesmo tendo como tema, sua atuação no campo educacional implica percorrer acontecimentos que, de uma forma ou de outra, tocaram a sua trajetória. Desse modo, falar de Maria Alves é falar, dentre outras coisas, da história de vida de professores.

A construção da identidade profissional é uma condição individual que se cria no decorrer da profissão, porém, ela está em constante transformação, associada ao discurso da mídia, do estado, das políticas públicas, etc. Atualmente, a profissão docente assume, de maneira geral, uma precarização, com más condições de trabalho, salários que não são muito atraentes e a não valorização da profissão, entre outros inúmeros problemas, portanto, se a construção da identidade é uma condição individual, as condições históricas e a estrutura social estão condicionadas a esse processo. O ser humano não está pronto, entretanto, ele pode fazer com que uma ação em seu meio possa ser sucessiva, gerando novos conhecimentos, tornando o sujeito humano capaz de compreender o mundo e situar-se nele. Nesse sentido, Nóvoa (1995, pág.38) aponta que o desenvolvimento de uma carreira é um processo, e não uma série de acontecimentos. Para alguns, esse processo parece linear, mas para outros, há patamares, regressões, becos sem saída, momentos de arranque e descontinuidade. Os professores possuem um nome, uma face e uma história que precisa ser contada. Afirma ainda Nóvoa que, o estudo historiográfico da educação deve também abrir espaço para a análise de vida de professores e suas práticas. Nóvoa (2001, p.173).

Bosi (2003 p.15) afirma que a história que se tem em documentos oficiais não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos momentos vividos pelo sujeito, visto que através das histórias contadas pode-se transmitir valores, conteúdos e atitudes. Conhecer a história de vida de professores, permite que possamos construir novos sentidos para a história da profissão docente e uma atitude reflexiva, identificando fatos que foram importantes para sua formação. Nessa perspectiva, Moraes (2004, p.170) coloca ainda que:

São as narrativas de formação que podem, em certo sentido, potencializar práticas de formação em que seja assegurado ao professor ser mais de que um mero consumidor de uma infinidade de informações,

repassado a ele em cursos de capacitação ou de reciclagem. Moraes (2004, p. 170).

Além de ressignificar e dar novos sentidos para quem conta a história de vida, é um processo que permite perceber que as histórias se cruzam de alguma forma com as histórias de quem ouve (ou lê). Além disso:

Abre a possibilidade de aprender com as experiências que constituem não somente uma história, mas o cruzamento de umas com as outras. A construção de uma história de vida não se esgota em seu aspecto único e singular: mantém uma relação profunda com os fatos e acontecimentos do coletivo e, por isso mesmo, encontra eco em outras histórias que perpassam e se tecem no social (Moraes, 2004, p. 170).

Sendo assim, as narrativas de vida podem ser uma alternativa de autoformação, tendo em vista que as pessoas envolvidas possam rememorar, remirar, podendo refletir sobre ideias e sentimentos que antes nem sequer eram percebidos, impactando também a vida dos leitores dessas histórias.

A pesquisa sobre história de vida é um resgate biográfico, na qual o pesquisador escuta as pessoas, por meio de entrevistas, gravadas ou não. No caso deste trabalho, logo após a realização das entrevistas, elas foram transcritas para serem analisadas com o objetivo de responder às questões da pesquisa. Conforme Daudt (1997, pág.12), a pesquisa sobre história de vida:

Surgiu a partir dos campos da psicologia e da antropologia, os quais, tomando o indivíduo como centro de interesse, propõem que, através de relatos particulares, se possam articular outras dimensões mais amplas para o entendimento dos fenômenos (Daudt 1997, pág.12 Apud Do Bem, s/d).

Nessa perspectiva, esse tipo de estudo é uma alternativa que se articula com a dimensão individual e social dos sujeitos, em que sua vida se expressa como acontecimentos vividos em determinado tempo e lugar, para compreender as múltiplas especificidades humanas.

Na esteira desse entendimento, essa pesquisa se insere dentro do campo das abordagens biográficas. A pesquisa biográfica reflete sobre o agir e o pensar humano, articulada ao tempo das experiências construídas de acordo com o pertencimento social que o indivíduo traz (marcas, épocas, meios e ambientes vividos). Sua metodologia

apresenta-se em dois níveis, o da coleta de materiais, e o de sua análise. Conforme Christine Delory (2016, pág.138):

Na sua dimensão sócio histórica, a atividade biográfica pode ser descrita como um conjunto de operações mentais, verbais, comportamentais, pelos quais os indivíduos se inscrevem subjetivamente nas temporalidades históricas e sociais que lhe antecedem e os ambientam, apropriando-se das sequências, dos programas padrões biográficos formalizados(currículos escolares, currículos profissionais mas também scripts de ação e cenários) dos mundos sociais dos quais eles participam (Delory 2016, p. 138)

Assim, com a pesquisa biográfica, é possível entender como as coisas estão em constante transformação, sendo possível refletir sobre mudanças no cenário histórico e o que ainda permanece, conhecer o que não se sabe, aprendendo com o saber das pessoas por meio de narrativas. A postura específica da pesquisa biográfica é a de mostrar como a inscrição, forçosamente singular, da experiência individual em um tempo biográfico, situa-se na origem de uma percepção e de uma elaboração peculiar dos espaços da vida social (Christine, 2012).

Pelas características específicas do método biográfico, é possível reconhecer um lugar particular através do discurso narrativo, mantendo uma relação direta com a dimensão temporal e da experiência humana, reconhecendo que o relato tem um grande potencial para o processo do estudo biográfico. A pesquisa, no campo das abordagens biográficas, pode ser configurada na forma de biografias, autobiografias e histórias de vida. O caso da presente pesquisa, insere-se no campo das histórias de vida.

A alternativa metodológica mais adequada para responder às demandas postas por este estudo é a história oral (temática), reconhecida por valorizar a memória dos sujeitos, resgatando a tradição oral e as experiências vividas por atores sociais colocados à margem da história tradicional.

A história oral temática desvela parte da história de vida de alguém, e é fundamental para organizar saberes diferentes na produção do conhecimento. É comum que nem sempre encontremos dados sobre a trajetória profissional de pessoas nas instituições de ensino, por isso se faz necessário o uso da história oral para conhecer caminhos percorridos, características específicas e experiências adquiridas. O relato oral tem sido, através dos séculos, a maior fonte de dados para a ciência em geral; a palavra

antecedeu o desenho da escrita. Esta, quando inventada, não foi mais do que uma cristalização do relato oral (Rita de Cássia e Teresa Kleba, 2007 p.87, apud Queiroz, 1987).

A história oral, enquanto método investigativo, também tem sido de grande importância para ressaltar a participação, metodologias de professores no âmbito escolar, contribuindo dessa forma, para a formação de outros docentes, ampliando seus conhecimentos diante das experiências já vividas. Bosi (2003 p.18) afirma que é importante que o pesquisador leve em conta “esquecimento, omissões, os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas”.

A partir deste entendimento, a pesquisa construída neste trabalho é feita prioritariamente com fontes orais, no entanto, apresenta algumas fontes documentais.

Na pesquisa, é preciso uma atenção ampla com os materiais a serem trabalhados. Eles devem ser analisados de todos os ângulos possíveis, no qual o objeto de estudo deve ser colocado como centro da investigação, para não haver enganos na história contada.

O método de pesquisa documental busca compreender a realidade social mediante a análise dos documentos produzidos pelo homem, revelando suas ideias, opiniões, forma de atuar e de viver, permitindo a investigação de uma problemática de forma indireta, e tudo isso requer cuidado por parte do pesquisador, para não comprometer o estudo. De acordo com Graziottin, Klaus, Pereira, (apud Menezes 2003, p.29), o documento é “ [...] aquilo capaz de fornecer informações a uma questão do observador, qualquer que seja sua natureza tipológica, material ou funcional.”

Quando se observa os documentos, o pesquisador pode adquirir informações para sua pesquisa e levantar hipóteses para aquilo que é pertinente para sua abordagem, tomando cuidado ao aproximar-se do local da investigação. O pesquisador deve esclarecer o objetivo da pesquisa para que seja autorizado o acesso às fontes.

Como técnica de pesquisa, faço uso, conforme dito anteriormente, da história de vida e da história oral temática, que irão incidir sobre um determinado tempo e espaço históricos.

A entrevista é um método de coleta de dados, feita por intermédio de um diálogo informal ou estruturado, para adquirir dados para uma pesquisa. Para isso, é preciso planejamento prévio. Luciana, Claudia, apud Gil, 1999, p.117, define entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação.

Outro tipo de coleta de dados usado para essa pesquisa foi o questionário, que teve como propósito obter informações biográficas, que, segundo Mariana Bandeira 2003, pode ser administrado em interação pessoal – em forma de entrevista individual ou por telefone; e pode ser autoaplicável – após envio por correio ou em grupos.

Para elaboração do questionário, faz-se necessário refletir sobre qual é o objetivo da pesquisa e qual foi o público-alvo.

As entrevistas e questionários que compõem esse trabalho foram realizados com pessoas que fizeram parte da vida de Dona Maria Alves durante sua trajetória profissional, pois nosso objetivo é rememorar esse percurso. As entrevistas foram gravadas e os questionários foram respondidos, uns via Whatsapp, outros respondidos à mão. Por morar próximo de todas as pessoas que foram entrevistadas, não foi difícil manter os contatos. De início, entrei em contato via WhatsApp com Anesth, filha de Maria Alves, pedindo sua autorização para fazer meu trabalho sobre a história da professora. Logo que ela me concedeu sua permissão, perguntei com quem ela achava que seria importante fazer as entrevistas, e ela me respondeu: “com ex-colegas e ex-alunos”. Entrei em contato com os participantes, os quais consentiram em responder ao questionário e às entrevistas. A entrevista com Lilian aconteceu em sua casa, todas as perguntas foram abertas para ela se sentir à vontade para falar o que desejasse. Com Rosângela, Asneth, Anne e Leila não foi possível fazer a entrevista pessoalmente, pois todas trabalham e, por várias vezes, tentamos marcar um horário e sempre ocorria algum imprevisto. Para não perder tempo na escrita do meu trabalho, resolvi fazer uso do questionário. O questionário, contendo dez questões abertas, foi enviado e respondido via WhatsApp, e outros foram respondidos à mão. A entrevista com Claudinete e Dona Josirete foram realizadas na Escola Luiz Fernandes Pessoa, na sala dos professores. As pessoas entrevistadas foram bem receptivas, não hesitaram em responder ao que foi

perguntado, pelo contrário, as pessoas tinham gosto de falar de Maria Alves. Foi muito gratificante poder ouvir cada uma.

A partir das narrativas das histórias de vida de professores, é possível narrar e contar a vida, compreender, mesmo que de modo parcial, a identidade do sujeito e como foi sua trajetória pessoal e profissional, levando em conta o seu conhecimento e diferentes saberes constituídos ao longo de sua vida. De acordo com Gorete, Maria; Lucia Carmen apud Goodson (1992):

Ao ouvir a voz dos docentes, podemos reconhecer que os dados de suas vidas são relevantes, na medida em que os projetos pessoais estão articulados a outros de natureza coletiva; o contexto social, cultural, econômico e político influencia na constituição da pessoa e do profissional; a história de vida pessoal e profissional de cada um coaduna-se com sua prática; são importantes elementos no sentido de se pensar a maneira pela qual pode se realizar seu desenvolvimento profissional. Gorete, Maria; Lucia Carmen apud Goodson (1992).

Compreende-se, assim, que as narrativas são importantes e fundamentais para o desenvolvimento profissional, e que a vida dos professores se cruza com a história da própria sociedade.

Neste trabalho, as entrevistas e questionários que foram realizadas com ex-alunos, ex-colegas de trabalho e familiares, possibilitam um mergulho no cotidiano do passado da educadora, cujo objetivo é rememorar sua trajetória no campo da educação da cidade de Jacaraú.

CAPÍTULO 2 – A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE MARIA ALVES DE OLIVEIRA ARNOR: VESTÍGIOS DE UMA VIDA DEDICADA A EDUCAÇÃO.

2.1 Quem foi Maria Alves de Oliveira Arnor?

Filha de Maria Nazareth Gonçalves de Oliveira e Manoel Januário de Oliveira, Maria Alves de Oliveira Arnor nasceu no dia 24 de agosto de 1964. Primeira filha de uma prole de 18 irmãos. Nasceu no sítio Várzea, localizado no município de Jacaraú – PB.

Viveu os primeiros 10 anos de sua vida na zona rural. Sua infância não foi muito agradável, pois não podia usufruir dos direitos de criança que é brincar, estudar e ter uma boa alimentação. Tinha de cuidar de seus irmãos menores para que seus pais trabalhassem para garantir o sustento. Sua mãe, costureira, passava dias e noites aos pés da máquina de costura, e seu pai era supervisor de produção de materiais de agave.

Seu primeiro contato com as letras foi com uma cartilha do ABC. Aprendeu a ler com seus pais, que mesmo não sendo letrados, ensinavam em casa o pouco que sabiam a seus filhos e amigos, no turno da noite. Seus pais não a matricularam na escola porque ficava muito distante de casa e eles temiam que ela fosse sozinha, já que não tinham como levá-la e buscá-la.

Quando completou 9 anos de idade, seus pais tiveram que viajar para o sudeste do país e a deixaram com mais quatro irmãos nas casas de seus avós e bisavós no município de Pilões – PB. Lá, Maria Alves foi à escola pela primeira vez, aos 11 anos. A sala era grande, mas não era um prédio escolar, e sim um casarão antigo do século XVIII.

Na sala, havia cinco filas de carteiras, cada fila era uma série, iniciando pela alfabetização. Não concluiu o ano letivo porque o professor, mesmo sabendo de seu destaque na leitura, não a aprovou para a série seguinte. Então, ela desistiu, e como ninguém lhe incentivou a voltar a estudar, ela não retornou. Depois, sempre com muita dificuldade, Maria Alves concluiu o ensino fundamental.

Em 1985, iniciou o Curso Pedagógico na Escola Normal Estadual de Alagoa Grande - PB. A princípio, não era o que ela queria de verdade, mas foi a única opção, pois o mercado de trabalho nessa área era mais propício, e seu pai não consentia que ela estudasse outro curso à noite. Meses depois, seu pai autorizou que ela cursasse o

que quisesse, mas já estava completamente apaixonada pelo que estava fazendo. Segue, abaixo, o registro da formatura no Curso Pedagógico:

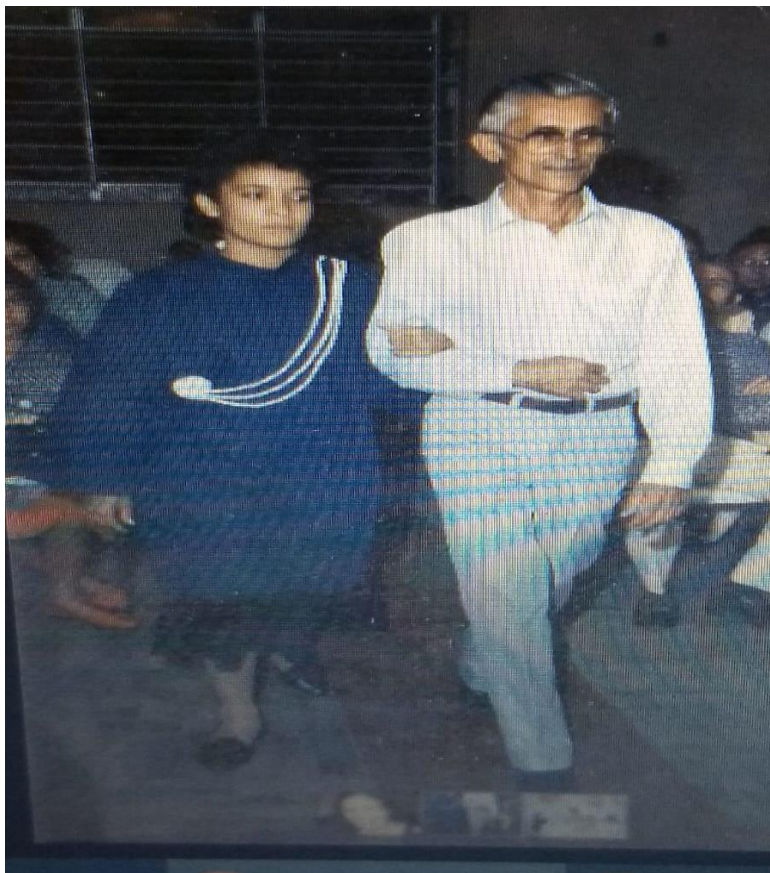


Figura 1 – Formatura de Maria Alves do Curso Pedagógico no ano de 1980.

Fonte: Acervo pessoal de Maria Alves.

No primeiro ano de curso, ela logo começou a lecionar na educação infantil; sua primeira turma era composta por 36 alunos.

Aos 22 anos de idade, Maria Alves voltou para sua terra natal onde conheceu José Arnor Manoel, com quem se casou e teve 3 filhos. Neste período, sofria-se com o descaso administrativo, eram tempos difíceis e ela passou a dar aulas particulares em casa para aumentar a renda da família. Foi a primeira e única professora de datilografia do lugar, dispunha de 5 máquinas datilográficas doadas pela paróquia (Nossa Senhora da Conceição/ Jacaraú –PB) para que pudesse trabalhar.

Dona Maria Alves dava aulas de datilografia no ano de 1995, onde a escola tinha por nome “Escola de datilografia Imaculada Conceição”, situada no distrito Timbó, em Jacaraú. Nos documentos analisados, ela tinha uma pasta com todos os exercícios que seriam realizados pelos 26 alunos da turma. Nessa pasta, também havia a ficha de pagamento mensal dos estudantes. Podemos ver, em imagens do seu acervo pessoal – figura 2 - a pasta que Maria Alves usava em suas aulas de datilografia.

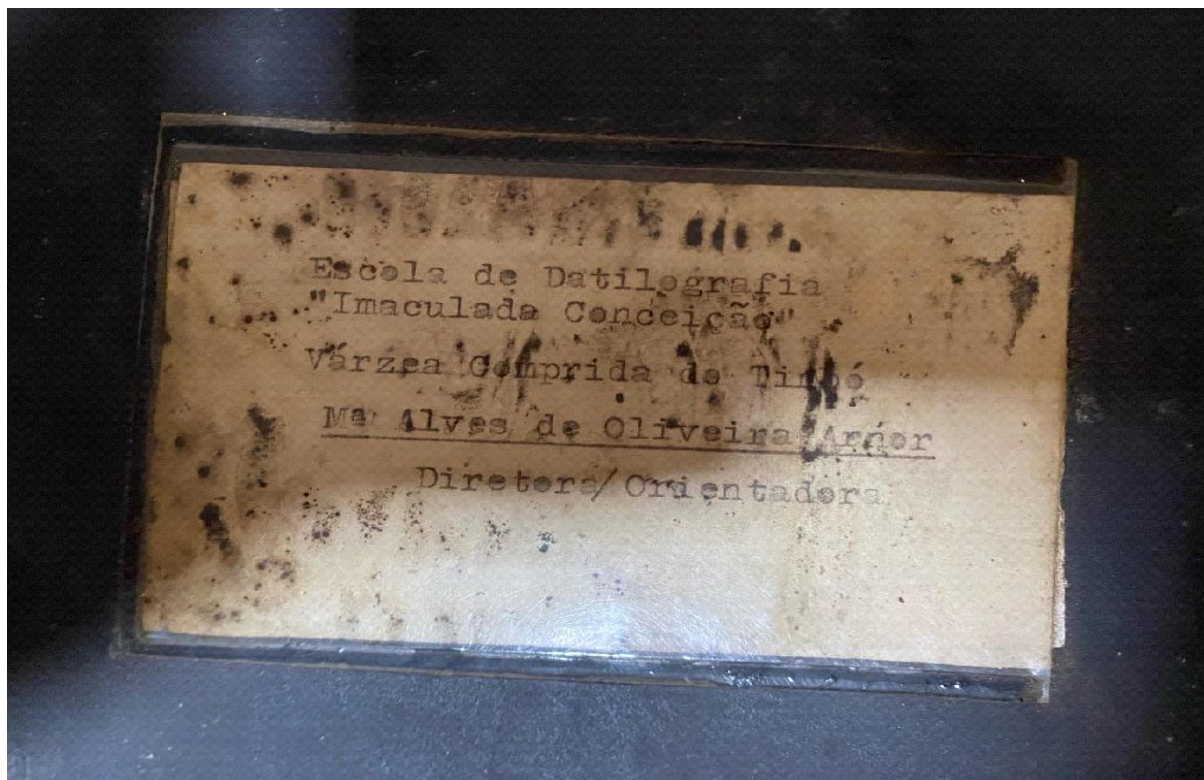


Figura 2 - Capa da pasta de atividades das aulas de datilografia da Escola de Datilografia Imaculada Conceição, na qual Maria Alves dava aulas.

Fonte: Acervo pessoal de Maria Alves.

Maria Alves, além de dar aulas de datilografia, tinha uma escola particular chamada “João e Maria”. Foi a primeira escola particular da região do distrito timbó e funcionava na sua casa e, muitas pessoas do lugar, estudaram nela na década de 1990. A escola funcionou durante 4 anos, pois, logo depois, Maria Alves foi chamada para ser professora do Município de Jacaraú. Então, o espaço foi fechado.

No ano de 1999, surgiu a oportunidade tão esperada por ela. Prestou vestibular e foi aprovada no Curso de Pedagogia em Regime Especial da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Um ano após a sua formatura, iniciou a Pós-graduação em Supervisão Escolar. Administrou a Escola M. E. I. F. Luiz Fernandes Pessoa de 1997 a 2009.



Figura 3-: Fachada da escola Luiz Fernandes pessoa na qual Maria Alves foi supervisora durante 12 anos.

Fonte: Arquivo da pesquisadora Amanda do Carmo.

As figuras abaixo mostram o Auditório da Escola Luiz Fernandes Pessoa, que tem o nome de Maria Alves de Oliveira Arnor. O nome foi colocado no auditório após a reforma da escola, quando houve a inauguração conforme na figura 3. Houve uma concessão do Conselho Escolar em fazer essa singela homenagem, pois Maria Alves foi gestora da escola por 12 anos consecutivos, e muitos alunos da região fizeram parte dessa trajetória.



Figura 4- Foto de Maria Alves no Auditório da escola Luís Fernandes Pessoa.

Fonte: Arquivo da pesquisadora Amanda do Carmo



Figura 5- Foto do Auditório Maria Alves de Oliveira Arnor

Fonte: Arquivo da pesquisadora Amanda do Carmo

A Escola Municipal de Ensino Especial e Fundamental Luís Fernandes Pessoa, está localizada no Distrito Timbó Rodovia PB 073 km 22, no Município de Jacaraú- PB. O Prédio foi construído especificamente para ser escola, tendo atualmente uma estrutura recentemente reformada que está em excelente condição, com adaptações para alunos com necessidades especiais. A escola oferta o ensino fundamental do 1º ao 9º ano e educação de jovens e adultos do primeiro e segundo segmento.

A escola Municipal de Ensino Fundamental Luís Fernandes Pessoa foi fundada em dois de fevereiro de mil novecentos e noventa, o seu nome foi escolhido através do ex-prefeito da cidade de Jacaraú que se chamava José Fernandes, popularmente conhecido por Zé do Pau, foi o senhor José Fernandes, em seu mandato de prefeito da cidade, que construiu a escola. Para a escolha do nome da instituição o senhor José Fernandes quis homenagear seu pai, colocando o nome dele na escola, porém, no

momento da inauguração, sua homenagem foi dirigida ao seu avô, Luís Fernandes, que é o patriarca de toda a família Fernandes existente no Distrito Timbó, a maior e mais tradicional família da região. A escola possui 5 salas de aula, todas as salas são climatizadas, 1 secretaria, uma sala para professores, 1 sala de recurso, 1 auditório, e uma cantina, 1 biblioteca.

A escola Luís Fernandes Pessoa atende ao ensino Fundamental anos iniciais (1º, 2º e 3º, 4º e 5º), que funcionam no turno da tarde. O ensino Fundamental anos finais (6º, 7º, 8º e 9º), funcionam no horário da manhã e tem a Educação de Jovens e Adultos ciclo I e ciclo II, que funcionam no período noturno.

Maria Alves de Oliveira Arnor teve grande importância no município de Jacaraú, desenvolveu projetos nas escolas, foi professora durante muitos anos e trabalhou na supervisão escolar de **8 escolas do município, são elas: E.M.E.I.F Anatilde Paes Barreto, E.M.E.I.F Bernardino Correia Teteo, E.M.E.I.F Padre João Madruga, E.M.E.I. Maria B. C de Lima, E.M.E.I.F Luís Fernandes Pessoa, E.M.E.I.F José Jardim Correia Teteo, E.M.E.I.F de Ibitipuca, E.M.E.I.F Senador Rui Carneiro, E.M E.I.F Claudino J. rodrigues.**

Enquanto supervisora, em suas anotações registrava as escolas que visitava e o motivo da visita, se era uma aula departamental, uma avaliação diagnóstica, ou só visita de rotina. Maria Alves conseguia distribuir sua carga horaria para conseguir fazer as visitas necessárias em cada escola, um trabalho que necessita de organização o qual percebe-se pela sua ficha de frequência, onde ela deveria cumprir com todas as visitas mensais e ainda entregar sua frequência para a secretaria municipal. Podemos ver na figura 4, a seguir, a organização dessas atividades:

Frequência
Sup. Escolar
2014
Maria Alves Arnor

ESTADO DA PARAIBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE JACARAÚ
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

UIPE PEDAGÓGICA - MÊS DE: abril 20 14

Maria Alves de Oliveira Arnor MAT. 2.00899-1

DATA	LOCAL	HORÁRIO CHEGADA/SAÍDA	RAZÃO	V
01/04	CEMEF Luis F. Peres	08h00 min às 11h45 min	Departamento	
01/04	CEMEF Claudino F. Rodrigues	19h00 min às 21h35 min	Arq. Diagnóstica - Eja	
02/04	" Matilde P. Barreto	07h30 min às 11h45 min	Departamento	
03/04	" Padre João Machado de Delipuca	13h00 min às 16h45 min	"	
03/04	" Bernardino L. Teto	19h00 min às 22h00 min	Arq. Diagnóstica - Eja	
04/04	CEMEF Maria B. L. de Lima	07h30 min às 09h10 min	Departamento	
04/04	CEMEF Matilde P. Barreto	13h00 min às 16h30 min	"	
07/04	CEMEF Luis F. Peres	19h00 min às 21h40 min	"	
07/04	CEMEF Maria B. L. de Lima	07h45 min às 09h15 min	"	
07/04	CEMEF José Jardim L. Teto	09h15 min às 10h45 min	"	
07/04	" Matilde P. Barreto	13h30 min às 16h30 min	Revisão PDP.	
08/04	" "	19h00 min às 21h30 min	Arq. Diagnóstica - Eja	
08/04	" Padre João Machado	07h10 min às 11h40 min	Departamento	
09/04	CEMEF Luis F. Peres	14h00 min às 16h30 min	"	
10/04	CEMEF Bernardino L. Teto	13h30 min às 16h15 min	"	
10/04	" José Jardim L. Teto	07h30 min às 09h05 min	"	
11/04	" Claudino F. Rodrigues	09h35 min às 11h15 min	"	
11/04	CEMEF Maria B. L. de Lima	06h30 min às 11h15 min	"	
11/04	CEMEF Matilde P. Barreto	13h00 min às 14h00 min	Viagem	
		14h10 min às 15h10 min	"	

Figura 6 - Ficha de frequência da Supervisora Escolar Maria Alves Arnor

Fonte: Acervo pessoal de Maria Alves.

Para cada escola Maria Alves distribuía uma atividade de rotina, como podemos observar no documento a seguir.

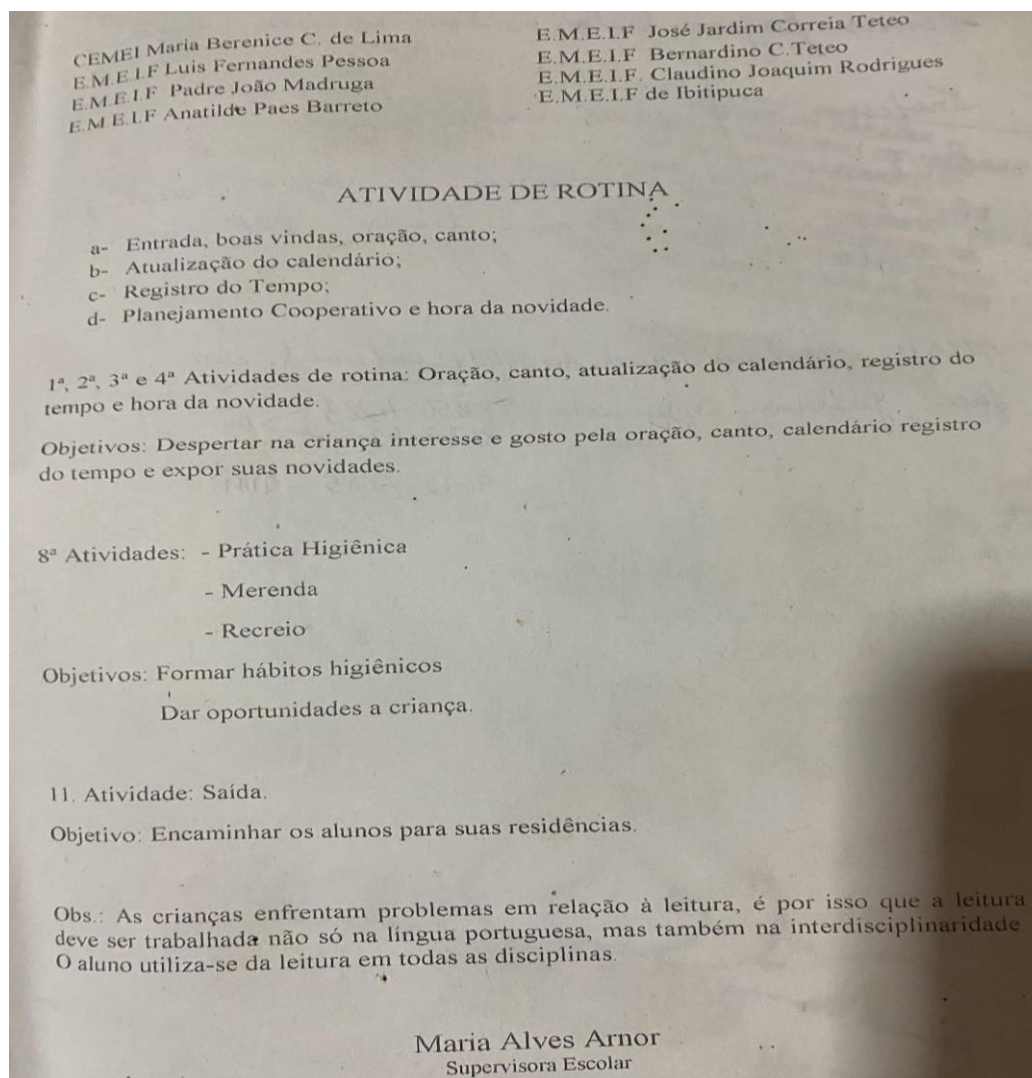


Figura 7 - Atividade de Rotina das escolas que Maria Alves era supervisora.

Fonte: Acervo pessoal de Maria Alves

Disponibilizava, também, um material ensinando como preencher os relatórios de alunos do Berçário, Maternal e da Educação infantil, sobre uma perspectiva propostas em suas orientações de registros. Figura 6 e 7:

SUGESTÕES PARA PREENCHIMENTO DO RELATÓRIO DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Observações:

É importante considerar, na construção do relatório os seguintes critérios:

- A avaliação deve ser sempre enfatizar os avanços e não apenas os fracassos. Registrar o que o aluno conseguiu e em que progrediu;
- Valorizar e registrar o desenvolvimento sócio-afetivo como: participação, solidariedade, posicionamento, sentimentos;
- É preciso registrar a participação do aluno nos projetos desenvolvidos no bimestre;
- Deve-se proceder em relação com o registro anterior;
- Diversificar a redação de um aluno para o outro, buscando ser fiel em suas colocações.

Sugestões para iniciar relatórios

- Com base nos objetivos trabalhados no bimestre, foi possível observar que o aluno...
- Observando diariamente o desempenho do aluno, foi constatado que neste bimestre...
- A partir das atividades apresentadas, o aluno demonstrou habilidades em...
- Com base na observação diária, foi possível constatar que o aluno... Desenvolvimento cognitivo.

Lê com fluência vários tipos de textos interpretando-os;

- Produz textos escritos com clareza, coerência e coesão;
- Identifica e escreve seu nome completo;
- Observa, descreve, analisa e sintetiza gravuras, reportagens e textos;
- Apresenta dificuldades ortográficas
- Identifica e escreve seu nome completo
- Ainda não faz relação entre o que fala e escreve

ÁREA SÓCIO-AFETIVA

Comentar sobre o período de adaptação: Com quem ficou no primeiro dia? Como ficou? Como evoluiu? Mostra dependências? Usa apoio de objetos? Toma mamadeira, chupa bico/chupeta?

Relacionamento: com a professora, colegas e funcionários. Participa de atividades propostas pelo professor?

Funcionamento no grupo: É aceita? Rejeitada? Isola-se? Lidera? É agressiva? Demonstra preferência por colegas? Cooperar com o grupo? É capaz de ouvir os outros? Tem cacoetes? Tolerância às frustrações: perder e ganhar, acertar e errar. Controle esfinteriano resolvido?

Brinquedo: com o que prefere brincar na sala e no pátio? Como brinca (sozinho, com o grupo em pequenos grupos, com companheiro)?

Autonomia: Está organizado na rotina? Aceita regras, cumpre combinações? Espera a decisão dos outros para tomar a sua? Tem condições de escolher e recusar-se ao que não quer? Envolve-se em conflitos? Como os resolve? Encontra suas próprias respostas? Explica seus pensamentos.

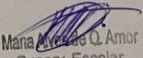

 Maria Alves Q. Amor
 Superv. Escolar
 Mat. 200892-1

Figura 8- Atividade de Rotina das escolas que Maria Alves era supervisora.

Fonte: Acervo pessoal de Maria Alves

RELATÓRIO PARA O BERÇÁRIO E MATERNAL I

DEVE SER OBSERVADA A ÁREA SÓCIO-AFETIVA

Comentar sobre o período de adaptação: Com quem ficou no primeiro dia? Como ficou? Como evoluiu? Mostra dependências? Usa apoio de objetos? Toma mamadeira, chupa bico/chupeta?

Relacionamento: com a professora, colegas e funcionários. Participa de atividades propostas pelo professor?

Funcionamento no grupo: É aceita? Rejeitada? Isola-se? Lidera? É agressiva? Demonstra preferência por colegas? Cooperar com o grupo? É capaz de ouvir os outros? Tem cacoetes?

Tolerância às frustrações: perder e ganhar, acertar e errar.

Controle esfincteriano resolvido?

Brinquedo: com o que prefere brincar na sala e no pátio? Como brinca (sozinho, com o grupo em pequenos grupos, com companheiro)?

Autonomia: Está organizado na rotina? Aceita regras, cumpre combinações? Espera a decisão dos outros para tomar a sua? Tem condições de escolher e recusar-se ao que não quer? Envolve-se em conflitos? Como os resolve? Encontra suas próprias respostas? Explica seus pensamentos?

"A maioria das pessoas não planeja fracassar,
fracassa por não planejar."
(John L. Beckley)

Maria Alves Arnor
Sup. Escolar
Mat. 200892-1

Figura 9 - Sugestão de preenchimento do relatório dos alunos do Berçário e do Maternal.

Fonte: Acervo pessoal de Maria Alves.

CAPÍTULO 3 - A TRAJETÓRIA DE MARIA ALVES NAS VOZES DE FAMILIARES, EX-ALUNOS E COLEGAS DE TRABALHO

3.1 ENTREVISTA COM LILIAN, EX-ALUNA DE MARIA ALVES

Ao entrevistar Lilian, uma das ex-alunas de Maria Alves, que estudou na escola que ela mesma fundou, recuperamos a seguinte memória referente ao ano de 1995:

[...] as aulas que ela dava eram muito dinâmicas, cada aula tinha seu roteiro e plano de aula elaborado, ela trabalhava com apostila e livros, mas o que usava mais era apostila. Sua metodologia era ativa, de modo que ensinava mais contemporâneo, sempre buscando relacionar os assuntos com a realidade de cada estudante [...]. (Ex-aluna Lilian. Entrevista realizada em 25 de agosto de 2023.)

Percebemos, a partir da fala de Lilian, que Maria Alves se preocupava com a forma e o planejamento das aulas, o que pode ser inferido a partir da fala de Lilian na qual menciona o dinamismo, a utilização de materiais que auxiliavam a prática na sala de aula e a preocupação em relacionar os conteúdos escolares com a “realidade de cada estudante”.

Segundo Lilian, Maria Alves gostava muito de conversar, então, ela trabalhava olhando para cada um aluno, organizava a sala em círculo para facilitar esse processo. Não fazia uso de castigos, gostava muito de trabalhar com textos, enfatizava as datas comemorativas e valorizava a importância da família na escola. Trabalhava muito com conjugação verbal. Sua ex-aluna relata que a aula que mais lhe marcou foi sobre a história do município de Jacaraú e a origem do Distrito Timbó. Lilian afirma que os alunos tinham vez e voz, ela (a professora Maria Alves) gostava muito de trabalhar e escutar cada aluno.

Conforme Ferreira, Lilian; Márcia, Keila; Borges, frances (2010), a relação professor/aluno em meio ao ensino/aprendizagem depende fundamentalmente do ambiente estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. É o que transparece na fala de Lilian, a seguir:

[..] falar de Maria Alves é como abrir um livro, pois ela contribuiu muito para o ensino, ela não media esforços quando o assunto era educação, ela deixou aqui na terra um legado para aqueles que trabalharam e estudaram, um exemplo de amor ela tinha pelo ensino, que ser professor não é ser só um pedagogo, ser professor é muito mais, é ter amor a profissão e passar tudo aquilo que sabe para o aluno, ela contribuiu bastante dessa forma, passando o que sabia, transmitindo o que sabia para os outros.[..] (Ex-aluna Lilian. Entrevista realizada em 25 de agosto de 2003).

Em alguns casos, o aprender é encarado como obrigação, porém, se existir essa relação de professor/aluno em que cada um tenha voz e vez, o ensino torna-se mais interessante, com métodos motivacionais em sala de aula, despertando a curiosidade dos seus alunos.

3.2 Entrevista com Rosângela, irmã de Maria Alves.

Rosângela conta que acompanhou a formação de Maria Alves a partir da pós-graduação. Trabalhou 9 anos ao lado da irmã, como gestora escolar, e mais 2 anos como supervisora escolar. A sua rotina era de dez horas de trabalho intenso. O lazer era nos domingos, quando ia ao sítio colher frutas e descansar um pouco, e, algumas vezes, iam à praia. Quando perguntei, por meio da aplicação do questionário, se Rosângela teve como exemplo alguma metodologia que Maria Alves usava no seu cotidiano para desenvolver as atividades escolares, Rosângela afirma que:

[...] Tive como exemplo a responsabilidade da pontualidade no trabalho, o engajamento, a dedicação, a postura ética e amor na condução da rotina escolar. [...] (Rosângela. Entrevista realizada em 27 de agosto de 2003).

Enquanto gestora e supervisora, Rosângela diz que Maria Alves era responsável, dedicada e além disso tinha postura ética, que são condutas importantes para o meio educacional. Conforme Aparecida Patrícia (2009), alguns estudiosos identificaram a ética como conjunto de princípios e padrões de conduta, dando importância ao pensamento reflexivo sobre os valores e as normas que regem as condutas humanas desde os primórdios dos tempos.

Nesse sentido, Aparecida Patrícia (2009) afirma que:

A formação ética do gestor visa o respeito à escola e facilita acesso, meios, oportunidades, mobilizando individual e coletivamente, identificando limites e possibilidades, organizando o ambiente físico e psicológico com o grupo de trabalho, desafiando, por meios diversos, o cuidado ao responder e ao lidar com as respostas. Cabe à escola motivar e criar um ambiente acolhedor para desenvolver o processo de ensino/aprendizagem, preocupando-se com a formação de cidadãos conscientes, que sejam capazes de transformar o mundo. Aparecida Patrícia (2009)

No que transparece na fala de Rosângela, Maria Alves tinha valores morais para tomar decisões responsáveis, para suprir as necessidades tanto do ambiente escolar, como da comunidade, preocupando-se sempre com a formação daqueles que ali estavam inseridos.

Rosângela conta que trabalhou com Maria Alves durante 9 anos, exercendo o cargo de merendeira, professora e secretária escolar, respectivamente. Anos depois, quando ela se tornou supervisora, trabalharam juntas, Maria na supervisão e Rosângela na gestão escolar. Foram os dois últimos anos de trabalho de Maria Alves.

Segundo Rosângela, Maria Alves era sempre calma e centrada, e Rosângela mais impulsiva; era uma combinação que dava certo. Outro ponto importante era o objetivo comum das duas, que era o desejo de alcançar um ensino público de qualidade. Rosângela aponta que o relacionamento de Maria Alves com a família era bom, mas a família, seus filhos, reclamavam um pouco de sua ausência em casa, mesmo ela dando toda atenção nos momentos oportunos. Rosângela afirma ainda que Maria Alves costumava visitar sua mãe e sua sogra com frequência, e nessas visitas conversavam muito sobre escola. Mesmo trabalhando juntas, Rosângela e Maria sempre trocavam ideias sobre o trabalho. Maria Alves foi gestora escolar por mais de 15 anos e conduziu a educação no Distrito Timbó de Jacaraú-PB por todo esse período, tornando-se assim uma referência pelo destaque que a escola tinha no município, como afirma Rosângela em sua fala:

[...]A escola deste Distrito apresentou tal protagonismo que até hoje as ações implantadas em sua gestão permanecem ativas, como por exemplo, O projeto junino do “Arraiá Pé Quente do Timbó”, que une as 5 escolas do Distrito em culminância e realiza um dos maiores eventos juninos deste município[...]. (Rosângela. Entrevista realizada em 27 de agosto de 2003).

Um dos momentos mais importantes que Rosângela viveu com Maria foi dois anos depois de criado o “Arraiá Pé Quente”. Segundo ela:

[...] O evento tomou uma proporção além do esperado, que era o de juntar as escolas e resgatar os festejos juninos tradicionais e apresentar os trabalhos escolares, com música, apresentações de danças e teatros para a comunidade escolar, e de repente, vinha um público de outras partes do município e até de outras cidades, eram tantas pessoas que atraiu vendedores ambulantes de toda região e o poder público municipal, alguns anos depois, tornou este evento maior, fazendo investimentos no seu projeto. Um trabalho feito com atenção e muito estudo e força de vontade. Tudo se conquista, os bons resultados chegam, a gente consegue proporcionar qualidade de ensino e uma boa aprendizagem. [...] (Rosângela. Entrevista realizada em 27 de agosto de 2003).

Rosângela conta que aprendeu com sua irmã Maria Alves a amar e abraçar a educação de um modo que nada a faça desistir desse propósito de atingir qualidade na escola pública. A paixão de Maria pelo seu trabalho impulsionou Rosângela a estudar muito mais do que já estudava para que atingisse outros patamares em sua jornada escolar. Foi Maria Alves quem a apresentou à educação escolar e fez quem Rosângela é hoje. Rosângela afirma que a trajetória de Maria Alves a ensinou a manter uma postura ética e responsável, e, principalmente, ser firme diante dos enfrentamentos de conflitos comuns aos cargos exercidos.



Figura 10 - Maria Alves na realização do Arraiá Pé Quente.

Fonte: Acervo pessoal de Maria Alves.

3.3 Entrevista com ex-colegas de trabalho: Claudinete e Josirete

Claudinete e Josirete contam que, no tempo em que trabalharam com Maria Alves, não tem questionamento nenhum quanto a ela. Além de ser diretora, passou a ser supervisora, ter o trabalho na comunidade, atuou como coordenadora; segundo elas, Maria Alves foi uma pessoa muito conhecida que só fez somar. Josirete afirma que Maria Alves gostava muito de ajudar o pessoal da escola quando tinha dificuldade, quando tinha dúvida, ela estava ali pronta para ajudar. Para ela, Maria Alves além de diretora, era uma amiga. Josirete diz que, para resolver os conflitos na escola, geralmente, Maria Alves reunia-se com o conselho escolar, quando era o caso era mais leve, resolvia na direção mesmo, mas quando era mais grave reunia-se na direção, professor, supervisor e diretor. No tempo de Maria Alves, ocorreram problemas graves, os quais foram necessários reunir o conselho da escola.

Claudinete conta que Maria Alves estava sempre disposta a ajudar, quando ela não podia na hora, ela marcava um horário, aceitava sugestões de mudança, sentava, conversava e sempre chegava a um consenso em que se prezava pelo que era melhor

para escola, para os alunos e para os funcionários. Maria era tão responsável que quase morava na escola, era pela manhã, à tarde e à noite, pois a escola funcionava os três horários, e Claudinete sempre dizia:

[...] Maria, não sei como que tu aguenta não, eu sei que você é diretora, mas tem sua vice, poderia passar um tempinho em casa, mas ela não queria, tinha o prazer de estar na escola de dia e de noite, é tanto que não sobrava tempo nem de ir a um passeio, ela era muito responsável pela missão dela. [...] (Claudinete ex-colega de Trabalho de Maria Alves. Entrevista realizada em 15 de agosto de 2003).

Josirete afirma que Maria Alves coordenava do Zelador ao Professor, e orientando da melhor forma.

[...] Quando um errava, ela chamava atenção, ela nunca foi de pegar em pé de professor, de exigir. Além de diretora, Maria Alves era coordenadora de comunidade da igreja São José e já tinha lá contato com a comunidade, por isso, tinha um bom relacionamento com os pais, recebiam muito bem, ela era muito centrada. Maria Alves nunca ficava alterada, nem com funcionário, nem com aluno, nem com professor, ela estava muito bem preparada para a função que exercia. Ela nunca tomava decisões sozinha, sempre pedia opinião[...] (Josirete ex-colega de Trabalho de Maria Alves. Entrevista realizada em 15 de agosto de 2003).

Pelas falas das entrevistadas, percebe-se que Maria Alves era prestativa em seu trabalho, tinha a capacidade de ouvir o outro e dialogar, e a escola é um espaço que necessita desse valor para resolver conflitos. Maria Alves mostra-se, na fala das entrevistadas, como uma pessoa que sabia ser solidária com o outro. Conforme Aparecida Patrícia (2009).

Quanto à solidariedade, é importante entender que o enfoque a ser dado para esse tema é muito próximo da ideia de “generosidade”: doar-se a alguém, ajudar desinteressadamente. A rigor, se todos fossem solidários, talvez nem se precisasse pensar em justiça: cada um daria o melhor de si para os outros. A força da virtude da solidariedade dispensa que se demonstre sua relevância para as relações interpessoais. Porém, o que pode, às vezes, passar despercebido são as formas de ser solidário. Aparecida Patrícia (2009)

Maria Alves, na fala de suas ex-colegas de trabalho, dava o melhor de si não só para a educação, mas, principalmente, para com seus colegas de trabalho. Também se infere que Maria Alves não media esforços para isso, era uma virtude de ser solidária que Maria Alves tinha, sem nunca pedir nada em troca, e foi através dessa virtude que suas colegas nunca tiveram queixa nenhuma sobre o seu comportamento no trabalho.

3.4 Entrevista com Asneth, filha de Maria Alves.

Quando Asneth nasceu, Maria já era formada há alguns anos em um curso chamado Pedagógico. Era uma espécie de curso técnico em Pedagogia, da época. Quando Asneth tinha por volta de 6 anos, Maria Alves formou-se no curso de Pedagogia, e anos mais tarde, especializou-se em gestão, supervisão e orientação escolar. Seus primeiros anos de trabalho no município foi como professora. Depois, assumiu a gestão da Escola Luís Fernandes Pessoa por 14 anos. Em todos os anos de escolaridade de Asneth no ensino fundamental, Maria Alves era gestora da escola. Sua rotina era composta por uma extensa carga horária de trabalho. Ela sempre foi dedicada a ele, como uma segunda família. Por esse motivo, raramente ela tinha tempo para o lazer. Em família, não se construiu muitas memórias de momentos de lazer, o trabalho na educação e na igreja, na qual Maria Alves sempre teve liderança em pastorais, lhe tomava todo o tempo. Os momentos em família eram os compromissos, festividades e movimentos da igreja da comunidade São José no Distrito Timbó, da qual ela foi fundadora, juntamente com seu esposo. Asneth conta que Maria Alves buscava sempre o melhor para seus filhos:

[...] Como mãe, ela nunca foi uma professora exigente, mas sempre instruía seus filhos a serem autônomos em seus estudos e responsáveis com os compromissos escolares. Quanto à orientação aos professores, ela sempre orientou para que tudo fosse feito de forma humanizada, respeitosa e sensível, considerando o outro em suas particularidades. Apesar de ter me formado também em Pedagogia três anos antes de sua partida, não tive a oportunidade de trabalhar com ela. Mas a auxiliava em casa com suas demandas de trabalho [...]. (Asneth, filha de Maria Alves).

O relacionamento de Anesth com Maria sempre foi amoroso e respeitoso. Tinham um vínculo muito forte como mãe e filha. Sendo um exemplo de admiração, determinação

e responsabilidade. Sua família sempre foi muito unida. Maria Alves sempre foi fortaleza, e porto seguro. Por mais difícil que a situação fosse, Maria acalmava com sua tranquilidade dizendo: “Minha filha, tudo passa.”. Apesar do trabalho intenso, nunca abriu mão de fazer as refeições em família.

[...] O trabalho dela como professora é lembrado e reconhecido até hoje pelos seus ex-alunos, e este mesmo reconhecimento a levou a ser gestora escolar e depois à supervisão. Grande parte de seus alunos seguiram suas vidas em outros lugares, mas todos têm algo de bom para compartilhar do tempo em que a tiveram como professora e também como gestora [...]. (Asneth, filha de Maria Alves)

Asneth ressalta que uma das maiores contribuições de Maria Alves foi a criação do Arraiá Pé Quente do Timbó, um projeto desenvolvido por ela em parceria com a supervisora Denise Coelho que envolvia todas as escolas do Distrito Timbó e tinha por objetivo principal resgatar a cultura do São João raiz. Este projeto ganhou proporção ao longo dos anos e chegou a ser a maior festa de São João do município.

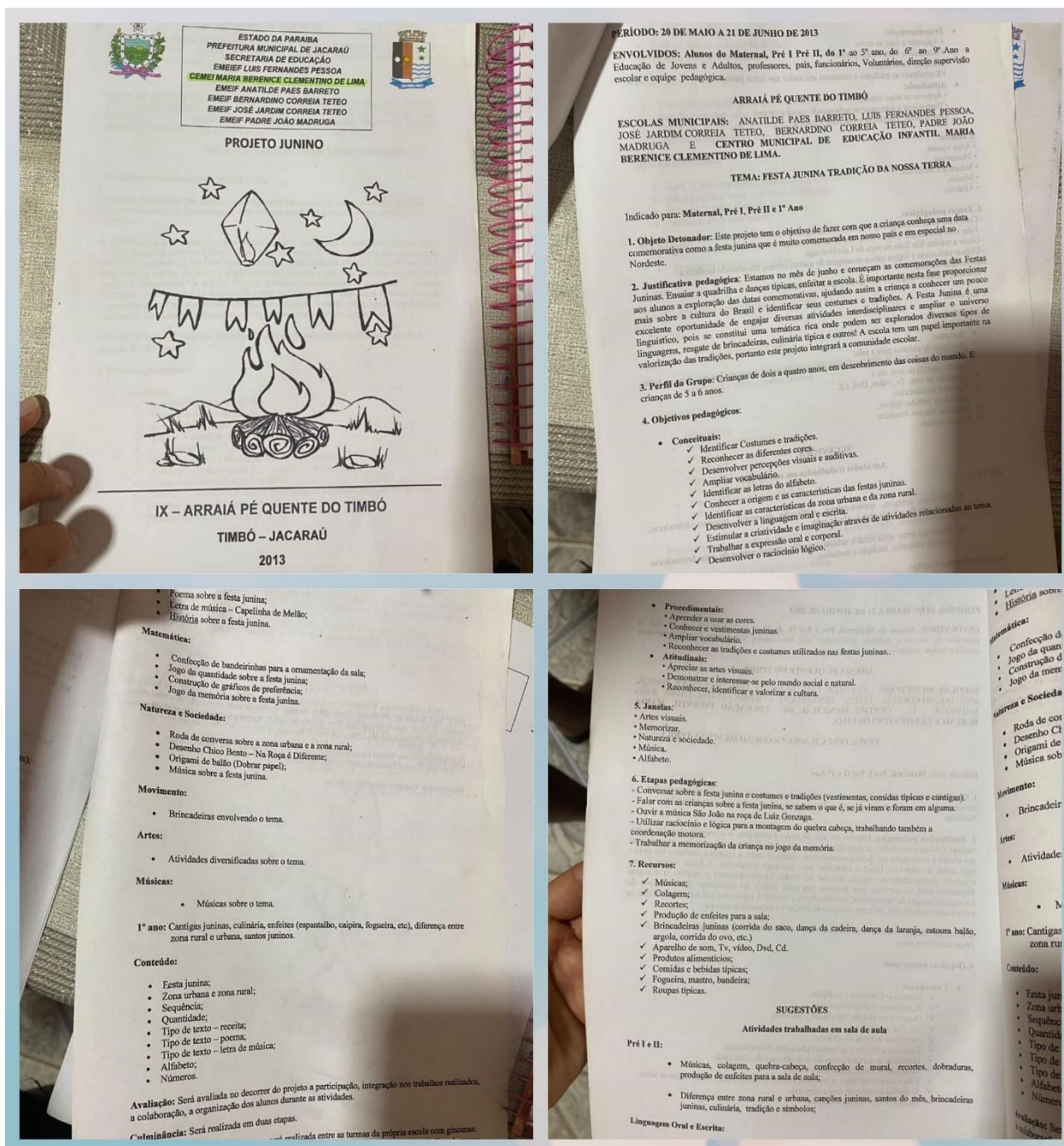


Figura 11 - foto do projeto junino idealizado por Maria Alves.

Fonte: foto do acervo pessoal de Maria Alves.

A vida profissional dela foi marcada por pequenas e grandes vitórias. Deixar a gestão escolar, depois de tantos anos, para assumir a supervisão escolar pelo concurso público, foi um grande momento de sua vida profissional e pessoal.

3.5 ENTREVISTA COM ANNE SHIRLEY, FILHA DE MARIA ALVES

Sendo a filha mais velha de Maria Alves, Anne Shirley acompanhou algumas formações, como as pós-graduações, e também foi colega de trabalho dela. Anne conta que o trabalho de Maria Alves era muito organizado, ela fazia cronogramas de horários e dias certos para estar em cada escola e, também, colocava esse cronograma em seu quadro e nas escolas. Anne teve como exemplo metodologias que Maria Alves usava nas aulas, como orações e músicas no início das aulas e após o recreio, pois, segundo a sua mãe, acalmavam as crianças pós recreio.

[...] Quando ela chegou na educação de Jacaraú, era algo muito desorganizado (a educação). Acredito que os métodos que ela trouxe ajudou muito, como a questão do planejar, o cantar, o brincar e o de fazer os alunos pesquisarem mais para descobrir curiosidades. Ela sempre procurava atualizar, pesquisar muito e gostava de compartilhar o que sabia [...]

A fala de Anne Shirley aponta que Maria Alves conseguiu, através do seu conhecimento, adquirido com muito estudo e esforço, trazer para o município de Jacaraú-PB uma nova concepção de Educação. Um momento marcante para Anne Shirley foi a realização do projeto Arraiá Pé Quente que integrava todas as escolas do Distrito Timbó. Outro momento foram as realizações dos desfiles cívicos no Distrito Timbó com algumas escolas, também as gincanas entre as escolas. Ela sempre procurava atualizar-se, pesquisar muito, e gostava de compartilhar o que sabia.

3.6 Entrevista com ex-colega de trabalho Leia Pontes

Para Léia, Maria Alves foi Professora, Diretora, Supervisora e estimada amiga de trabalho. Seu trabalho era desenvolvido com muita dedicação, responsabilidade,

dinamismo e organização. As reuniões e planejamentos na escola eram feitos mensalmente ou quando surgiam alguns imprevistos, ou quando era necessário.

[...]Todo o trabalho realizado por Maria Alves, como professora, diretora, supervisora e representante religiosa contribuíram e ainda contribui para a educação, havia muita dedicação e responsabilidade. [...]

Leia afirma que Maria acompanhava sempre o trabalho do professor com solicitação de planos de aula ou plano bimestral ou anual; com reuniões, com apenas uma conversa nos momentos vagos ou no intervalo; acompanhando os diários.

Segundo Leia, o relacionamento com os funcionários era um relacionamento profissional, cordial, amigável, divertido e, quando necessário, “rude” e irônico. Os conflitos na escola eram resolvidos com reuniões, diálogos, conversas, advertências, aplicação do Regimento Escolar ou das Leis, quando necessário, punições e/ou expulsões após reunir o Conselho da Escola. Maria era assídua, pontual, responsável no seu horário de trabalho. Suas atividades de rotina eram acolher funcionários, professores e alunos com respeito, cordialidade; sempre atenta aos acontecimentos referentes à comunidade escolar; “fiscalizava” toda a Escola, verificando o que poderia ser melhorado; sempre em constante leitura e pesquisa. Leia relembra que:

[...] Maria tinha grande importância na escola como uma liderança democrática o andamento e o funcionamento da escola, trabalhado em conjunto com a comunidade escolar, estava disposta a ouvir todas as partes e respeitar a decisão da maioria[...].

Maria Alves, na voz de Léia, era de grande importância para o funcionamento da escola, pois ela trabalhava em conjunto com a comunidade escolar e estava sempre disposta a ouvir mudanças, fazendo o que fosse melhor para a instituição e para a comunidade, de forma democrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste trabalho foi rememorar a trajetória de vida de Maria Alves de Oliveira Arnor, buscando identificar as marcas de sua trajetória de sua vida e sua importância para a educação do município de Jacaraú. Para identificar essas marcas, fizemos o uso da entrevista de história de vida, para nos aproximarmos do objeto de pesquisa. O intuito desse tema é mostrar que o professor tem grande importância tanto na escola, como no meio social, assim como Maria Alves teve. Pudemos perceber seu destaque diante de seus projetos, de sua conduta no meio escolar e na forma como desenvolvia seu trabalho, elementos de reflexão e análise que emergiram das fontes documentais e dos depoimentos orais que fizeram parte desta pesquisa.

Maria Alves foi uma professora muito respeitada, que alcançou grandes conquistas na sua carreira de educadora, diretora e supervisora de escolas do município de Jacaraú. Foi possível, ainda, identificar marcas significativas durante sua trajetória docente, narradas pelos ex-colegas de trabalho, ex-alunos e suas filhas, tais como: o interesse pela educação; seu primeiro curso de graduação que despertou sua paixão pela profissão e possibilitaram as experiências necessárias para que pudesse montar sua primeira escola na região; e, principalmente, o prazer que tinha em exercer a profissão docente.

Compreendemos, então, que as histórias de vida de professores apresentam marcas vividas até chegar a uma posição profissional, por trás de toda profissão existe uma história a ser contada, o professor diante suas escolhas de uma longa trajetória de vida, através da educação, ele se transforma, como transforma o outro.

Essa pesquisa foi de extrema importância para minha formação, pois ao me aproximar da história de vida de Maria Alves, aprendi que o professor é uma pessoa que tem sentimentos, e é o principal sujeito que compõe a educação no seu ser e no seu fazer. Maria Alves, além de ser uma liderança, mostrou que tinha muita organização e dedicação, e trouxe para a educação de Jacaraú novos horizontes através de seu conhecimento. Apesar de todas as dificuldades encontradas em sua trajetória educacional, ela nunca desistiu do seu sonho.

Nessa perspectiva, rememoramos a trajetória profissional da educadora Maria Alves de Oliveira Arnor (Maria Alves, a seguir), a partir de fontes documentais e depoimentos orais. Apresentamos a trajetória profissional da educadora em tela e apontamos as contribuições de seu trabalho para as escolas do município de Jacaraú, que foi a organização da educação, através de planejamentos e métodos que despertassem nos alunos suas curiosidades. Seus projetos culturais também foram muito pertinentes para enaltecer a cultura local, e para fazer com que o aluno permanecesse na escola por meio de atividades diferenciadas que chamavam atenção de toda comunidade escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. (Prismas).

Camurra, Luciana; Cristina, Claudia. A entrevista como técnica de pesquisa qualitativa.

Bandeira, Mariana. Como elaborar um questionário. Universidade de Brasília, n. 01, 2003.

Bosi, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. Ateliê editorial, 2003.

Bueno, Belmira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. Educação e pesquisa, v.28, n.1, p. 2002.

Cassia, Rita; Kleba, Tereza. **Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida**. Universidade Federal de Santa Catarina, v.10, maio de 2007.

Daudt, Beatriz. Foucault e histórias de vida: aproximações e que tais. ASPHE/FaE/UFPel. Pelotas 20 de abril de 1997.

Delory-Momberger, Christine. **Abordagem metodológica na Pesquisa biográfica. Revista Brasileira de educação**. Universidade de Paris v.17, dezembro de 2012.

Delory-Momberger, Christine. **A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber só singular**. Universidade de Paris 13, setembro de 2016.

Ferreira, Lílian; Márcia Keila; Borges, Francis; Rodrigues, Márcio; Lúcia, Ana. A relação de professor/aluno no processo de ensino aprendizagem. Revista eletrônica do curso de pedagogia do campus jataí- UFG. v.8, jun. / jul. 2018.

Goreti, Maria; Lúcia Carmen. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. Instituto de Ensino UFPI/ Teresina 2015.

Grazziotin, Luciane Sgarbi; Klaus, Viviane; Pereira, Ana Paula. Pesquisa documental histórica e pesquisa bibliográfica: focos de estudo e percursos metodológicos. Campinas SP.

Nogueira, Maria Luísa; Andrade, Vanessa; Pimenta, Adriana; Aparecida, Denise. **O método de história de vida:** a exigência de um encontro em tempos de aceleração. São João del Rei, maio-agosto de 2017.

Nóvoa, António. *Vida de professores*. 2 ed. Portugal: Porto Editora, 1995.

Minaio M.C.S (Organizadora). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. 21ª ed. Editora Vozes, Petrópolis, 2002.

Moraes, Ana. A. A. Histórias de vida e autoformação de professores: alternativa de investigação do trabalho docente. Pro-posições, v. 15, n. 2, p. 165-173, 2004.

Pinheiro, Rosanália de Sá Leitão. *Sinhazinha Wanderley: o cotidiano do Assu em prosa e verso*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tese (Doutorado em Educação), 1998.

APÊNDICE

Entrevista com ex-aluna

- 1- Como eram as aulas ministradas por Maria Alves?
- 2- Descreva a aula?
- 3- Existia um roteiro para as aulas?
- 4- Quais materiais didáticos eram utilizados?
- 5- Qual metodologia que ela usava?
- 6- Como trabalhava a realidade desses alunos?
- 7- Como eram organizadas as suas aulas? A sala de aula?
- 8- Como eram os castigos? Havia?
- 9- Quais conteúdos que lembra ter estudado?
- 10- Que aula mais lhe marcou?
- 11- Ela era autoritária ou os alunos tinham voz?
- 12- Como era o relacionamento aluno professor?
- 13- Por que falar de Maria Alves? quais contribuições para o ensino?

Entrevista com ex-colegas de trabalho

- 1- Quem foi Maria Alves para você?
- 2- Como era desenvolvido o seu trabalho na escola?
- 3 - Como Maria Alves organizava as reuniões enquanto supervisora?
- 4 - Quais ações eram desenvolvidas por Maria Alves para a transformação social?
- 5 - Quais contribuições do trabalho de Maria Alves para a educação?
- 6 - Maria Alves acompanhava o trabalho dos professores? De que maneira?
- 7 - Como era o relacionamento com os funcionários?
- 8 - Como eram resolvidos os conflitos dentro da escola?
- 9 - Maria estava sempre disposta a ajudar quando era preciso?
- 10 - Maria Alves aceitava sugestões de mudança em algo que vocês achassem que não dava certo?
- 11 - Maria Alves cumpria com os horários de trabalho?
- 12 - Quais eram suas atividades de rotina?
- 13 - Qual a sua importância na escola?
- 14 - Como era o relacionamento de Maria com a comunidade?
- 15 - O seu trabalho era desenvolvido democraticamente?
- 16 - Conte um momento que ficou marcado durante o tempo que trabalhou com D. Maria?

Questionário para familiares

- 1 - Qual o grau de parentesco com Maria Alves?
- 2- Você acompanhou a formação de Maria Alves?
- 3 - Você presenciou o desenvolvimento do trabalho Pedagógico de Maria Alves no município?
- 4- Como era sua rotina? horas de lazer?
- 5- Você teve como exemplo alguma metodologia que ela usava no seu cotidiano para desenvolver as atividades escolares?
- 6- Você teve oportunidade de trabalhar junto com ela? Se sim, em que cargo?
- 7- Como era o seu relacionamento com Maria Alves?
- 8- Como era o relacionamento dela com a família?
- 9- Qual importância e contribuições você acha que Maria Alves teve na Educação do município de Jacaraú?
- 10- Conte um momento marcante de Maria Alves na educação.